

## REFLEXÕES SOBRE O PENSAR, OS GRUPOS E OS NOVOS TEMPOS. UMA VISÃO PSICANALÍTICA VINCULAR<sup>1</sup>.

Waldemar José Fernandes<sup>2</sup>

*Pasmo sempre quando acabo qualquer coisa.  
Pasmo e desolo-me.  
O meu instinto de perfeição deveria inibir-me  
de acabar; deveria inibir-me até de dar começo. Mas distraio-me e faço.  
O que consigo é um produto, em mim,  
não de uma aplicação de vontade, mas de uma cedência dela.  
Começo porque não tenho força para pensar; acabo  
porque não tenho alma para suspender.  
Este livro é a minha cobardia.  
(Pessoa, F., 1888-1935 - Trecho 152).*

### Resumo

Atualmente se conversa pouco, se trabalha demais e a qualidade de vida tende a deteriorar. Os profissionais da “Área Psi” são procurados para curar todos os males, transtornos e síndromes que são inventados dia a dia. Na medicina, já se conversa menos com o paciente e raramente ele é examinado, pois a tecnologia impera. Discute-se aqui inicialmente sobre o conceito de complexidade (Morin), e a seguir sobre o pensar individual e o pensar do grupo (Bion). É debatida a importância da ideia nova e do inesperado. A seguir, é apresentado o conceito de vínculo, agrupamento e grupo, sendo introduzida a importância do outro e de se viver entre outros, o que traz à tona a questão da diversidade. É enfatizado o impacto do encontro entre dois outros e a importância de se valorizar o presente (Puget). O conhecimento anterior sobre os pacientes, a memória e o desejo relacionado ao futuro, poderiam abrir um lugar para o presente, o inesperado e para a possibilidade de surpreender. Discute-se ainda a respeito da vontade de ter sempre razão, e também sobre os conceitos de má vontade e boa vontade. Finalmente propõe-se que nos grupos psicanalítico, se valorize o imprevisível e o surpreendente dos encontros.

**Palavras chave:** vínculo, grupo, agrupamento, memória, desejo, inesperado.

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada no XV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo e XIII Encontro Luso-Brasileiro de Grupanálise e Psicoterapia Analítica de Grupo, ocorrida na Fundação Cidade de Lisboa, de 29 a 31/10/2015.

<sup>2</sup> Médico especialista em psiquiatria pela Associação Brasileira de Psiquiatria, Membro fundador do NESME – Núcleo de Estudos em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares e da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo.

**Email:** wjfernandes@hotmail.com.br

### Abstract

In our days, there's too little conversation, too much work and the quality of life tends to deteriorate. Professionals from the "Psych Area" are sought as a way to heal every kind of evil, disorder and syndrome that are invented daily. In medicine, conversations between patient and doctor have diminished and rarely a patient is examined, for technology reigns. Hereby we initially discuss on the concept of complexity (E. Morin), and hereafter on individual and group thinking (W. Bion). We debate on the importance of the new idea and the unexpected. After, we present the concept of linking, grouping and group, with the introduction of the importance of others and of living among others, which brings up the matter of diversity. The encounter of two subjects and the importance of valorizing the present are here emphasized (J. Puget). The previous knowledge about patients, the memory and the desire related to the future, could make a way for the present, the unexpected and the possibility of surprising. We also discuss on the will of always being right, and also on the concepts of unwillingness and willingness. Finally, it is proposed that we valorize the unpredictable and the surprising within the encounters of psychoanalytic groups

**Key words:** linking, group, grouping, memory, desire, unexpected

### Introdução

Atualmente se conversa menos, se pensa menos, se trabalha demais e a qualidade de vida tende a deteriorar.

Sinto certo desconforto quando percebo que se vive uma realidade em que tudo é banalizado, e os sentimentos são avaliados como se fossem bens materiais.

Hoje tiramos milhares de fotos das nossas viagens e eventos. Mas, quantas dessas fotos temos paciência de rever?

São tempos de globalização, de movimentos sociais, muitas vezes justos, mas, por vezes, contra tudo e sem nenhum motivo aparente. Tempos de refugiados em diversas partes do mundo, e de fugitivos que atravessam os mares em busca de vida melhor, tempos de economia oscilante, de refeições magras e de crianças trabalhando como escravos.

Parece que quase todos têm seus "tablets", "Iphones," e vivem obcecados pelo "Whatsapp". Há poucos dias, ao chamar uma paciente nova, fiquei com a sensação de que a estava atrapalhando, pois olhava a tela de seu aparelhinho com tanto apego!

Na área médica em que milito, o que vale hoje é a tecnologia. Nada de conversar com o paciente ou de examiná-lo.

Nos tempos atuais predomina a visão puramente organicista, restando ao pobre indivíduo doente se calar, e deixar aos sintomas a tarefa de comunicar seu sofrimento. Um novo vocabulário conduz as comunicações ao profissional de saúde: "tive **a síndrome de pânico** e também depressão, mas pelo que pesquisei, tenho mesmo é **TOC**". Assim, tudo se passa como se tais entidades falassem por si, não importando quem seria o sujeito portador das mesmas.

Tenho sido menos procurado como psicoterapeuta de grupo hoje do que há anos atrás. Hoje em dia tenho sido muito mais procurado para curar todos os males, transtornos e síndromes que são inventados dia a dia por aqueles que dão diagnósticos a qualquer sofrimento. A demanda nos tempos atuais é aliviar toda forma de desconforto, e, quanto menos tiver de pensar, melhor.

É uma época de ambivalências tão intensas e transformações de tal monta que faltam palavras para explicar. A linguagem não dá conta de definir.

Parece necessário uma adequação aos dias de hoje, coisa que confesso, tenho certa resistência.

Por outro lado, tenho de reconhecer que é extremamente difícil deixar de lado velhos modelos, tidos como de alto valor, tal como verdades eternas, mesmo no meio psicanalítico, que poderia estar aberto a mudanças. Há receio de ser visto como rebelde, e sujeito à excomunhão da comunidade científica ao ousar questionar ou ampliar conhecimentos considerados tão imutáveis como dogmas religiosos.

As descobertas científicas dos séculos XX e XXI, e o processo de globalização vêm causando transformações nas formas tradicionais de abordagem do conhecimento e das relações sociais.

A interdisciplinaridade é uma das saídas para tal, assim como a abordagem da realidade em sua complexidade.

*“...há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo... entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade”*  
(Morin, 2001, p.38).

Tal união, no entanto, não é fácil, pois implica a transformação de estruturas institucionais e culturais tradicionais, assim como de valores e comportamentos adquiridos com o passar do tempo. Nesse processo é inevitável o enfrentamento de obstáculos ideológicos de toda ordem.

Pode-se, então, procurar integrar conhecimentos e diferentes pontos de vista, e procurar deixar de lado posturas binárias, do tipo certo-errado.

Tentar constituir a coesão sem anular a diversidade é um desafio digno de ser enfrentado. Nesse sentido, Edgar Morin (2001) vem estudando a complexidade e procurando promover maior aproximação com a diversidade.

*“O pensamento complexo, contrário ao reducionismo, consiste em acessar, articular e organizar as informações sobre a realidade de modo a perceber o parcial, o global e as relações entre partes, o todo e o contexto, possibilitando também um minucioso estudo dos mecanismos de exclusão social... que venha a permitir a vivência com a diversidade”* (Feriotti, 2009, p.03).

## O Pensar do Indivíduo

“Pensar” me reporta a “Conhecimento”.

O tema do conhecimento é muito importante no trabalho psicanalítico, especialmente se visto pelo vértice vincular.

O conhecimento pode ser adquirido ao se viver a experiência, com os erros e acertos.

Pode-se ver na clínica dos grupos como é difícil se encontrar pessoas que realmente podem aprender com a experiência, por mais que se considere natural e esperada certa atração pela verdade, pelo conhecimento.

A aprendizagem está inteiramente relacionada à capacidade de lidar com o inesperado, o imprevisto, o novo. O novo incomoda, espanta, até agride. A ideia nova contém uma força disruptiva e ameaçadora, que desperta reações violentamente contrárias.

O objeto de conhecimento em psicanálise é a realidade psíquica - de si mesmo e do outro. “A busca da realidade psíquica é inerente ao ser humano; é a chamada Função Psicanalítica da Personalidade” (Bion, 1962, p.123).

Tal função diz respeito à atração em direção à verdade e ao conhecimento de si mesmo. Entre os conceitos de Bion, esse é um dos mais significativos, e refere-se ao fato de que a busca epistemológica é inata em cada um de nós.

Concordo com Zimerman (1995), quando enfatiza que tão importante função está diretamente implicada com a busca da verdade e do conhecimento de si mesmo, desde o nascimento, ocorrendo antes e depois da análise, o que deixa para o psicanalista *apenas a possibilidade de ajudar* no seu desenvolvimento, *enquanto o processo analítico durar*.

Todo conhecimento advém de experiências primitivas de ordem emocional, em que existe ausência de objeto. Para Bion, o termo pensamento decorre da solução de um problema a resolver.

Freud, em 1911, já mostrava que no princípio do prazer há a tendência da mente de livrar o aparelho psíquico de uma sobrecarga, ou seja, há o **imediatismo**, tão na pauta do dia, nestes tempos onde há pressa e verdadeira aflição com resultados, enquanto que, a disponibilidade para pensar é muito pequena. Havendo sobrecarga, esta tem de ser extravasada logo. Entretanto, havendo tolerância à frustração, ocorre um rompimento dessa continuidade, abrindo possibilidades do surgimento e convivência com algo novo.

Na concepção freudiana, o pensamento seria o processo mais adequado para se suportar o adiamento da satisfação relacionada a uma pulsão. O pensamento e o princípio da realidade seriam sincrônicos. Ele enfatizou que *o princípio da realidade vai se fortalecendo junto com a habilidade para pensar*, o que ocorreria da seguinte forma: entre uma necessidade não satisfeita e uma ação que a satisfaça, há um vazio - de espera - com algum grau de frustração. **O pensar visa a preencher exatamente esse vazio.**

É interessante e inédita a ideia bioniana de que o pensamento antecede e independe do pensador: “... trata-se de um pensamento errante em busca de algum pensador, para se alojar nele” (Bion, 1977, p.131).

Se a capacidade para tolerar frustrações for suficiente, a ausência de satisfação do desejo torna-se um elemento primitivo do pensamento. Desenvolve-se, então, uma espécie de aparelho psíquico para pensá-lo - o aparelho para pensar os pensamentos. Vale ressaltar que o grupo analítico é um excelente dispositivo para promover a capacidade de pensar.

### **O Pensar do Grupo**

Bion observou que quando nós nos reunimos num grupo, criamos um fundo comum, onde emergem contribuições inconscientes. Tais contribuições constituem **uma mentalidade de grupo**, com unanimidade de pensamento e de vontade, o que coloca obstáculos para a vida privada e para satisfação individual. Essa oposição entre a necessidade individual e a mentalidade de grupo é a chamada **cultura de grupo**, tão conhecida de todos nós.

Entre as importantes contribuições de Bion destaca-se a observação de que qualquer grupo se movimenta em **dois planos**: o primeiro, que ele denomina **grupo de trabalho**, opera no **plano consciente** e é um nível de funcionamento grupal que está voltado para a execução de tarefas, onde é fundamental a cooperação entre os indivíduos. Esse nível de funcionamento dos grupos tem características análogas às do ego e pressupõe um contato com a realidade. Concomitantemente existe no plano inconsciente, outro nível de funcionamento grupal, outro clima emocional subjacente, o **grupo de pressupostos básicos**, que fica em estado latente e suas manifestações clínicas correspondem a um primitivo atavismo de pulsões e de fantasias inconscientes. De acordo com as configurações assumidas, Bion formulou três tipos de pressupostos ou supostos básicos - de dependência, de luta e fuga e de acasalamento, já muito bem conhecidos.

Quaisquer que sejam os pressupostos básicos são sempre inconscientes, e, embora isoladamente, estão sempre presentes. Na verdade, nada mais são do que estados emocionais que visam à evasão da realidade e da frustração, inerentes ao **aprendizado pela experiência**, isto é, à fuga da ideia nova, partindo para modos familiares de funcionamento. Seja como for, é impossível um grupo sem conflito entre o nível de grupo de trabalho e o nível mais primitivo, de suposto básico, conflito esse que é essencial e transformador, pois, para Bion, não existe um verdadeiro crescimento sem a convivência simultânea do especto evoluído com o aspeto primitivo. Só assim, ambos os níveis de funcionamento grupal entram em ressonância, o primitivo e o evoluído, com desenvolvimento do grupo e do sujeito (Fernandes, W.J., 2003, pp:112-116). O mesmo ocorre com os aspetos mentais primitivos e evoluídos de cada um de nós.

O que promove a mudança de um pressuposto para outro é a vontade de manter a ilusão de que o que acontece é o esperado, o conhecido, é o temor à ideia nova.

Uma das funções do terapeuta e do coordenador de grupos é promover o grupo de trabalho, a criatividade e a convivência salutar com as ideias novas.

Os níveis conscientes e inconscientes de funcionamento grupal estão aí o tempo todo. Além disso, provavelmente as configurações grupais denominadas supostos básicos, não se

esgotam com as três hipóteses de Bion; muitas outras hipóteses básicas poderiam ser levantadas.

Outras configurações, talvez as mais difíceis de lidar, não têm estrutura tão simples, nem tão bem organizada, deixando o coordenador de grupo impactado, aturdido, sem entender o que está se passando.

## Grupo e Vínculo

O grande desafio que se tem de enfrentar nos novos tempos é aprender a **conviver com o outro**. Ninguém poderá sobreviver individualmente. São tempos de agrupamento – de administrar as diferentes formas de pensar e de sentir. Eu disse agrupamento? Agrupamento ou grupo?

Considero que há um **agrupamento**, quando existe um conjunto de pessoas que compartilham do mesmo espaço, com objetivos comuns, como numa jornada científica, quando ocorre uma apresentação.

Jean Paul Sartre, em 1960, já mostrava como certo número de pessoas que estão relacionadas, com objetivos comuns - como, por exemplo, as que aguardam em fila à chegada de um ônibus - se constituem em um agrupamento, que na ocasião, ele denominou “*uma serialidade de pessoas*”. Tais indivíduos têm objetivos semelhantes: querem chegar com ajuda daquele ônibus em determinado lugar.

Apesar delas não manterem qualquer vínculo, basta que exista um incidente qualquer, como um pneu furado ou um assalto – que no Brasil já é rotina, para *transformar esse agrupamento em um grupo* que trabalha em conjunto para realizar o que for preciso para sanar o problema.

Mesmo no exemplo de uma jornada ou numa classe de aulas as pessoas, embora próximas, não se conhecem, e inicialmente não interagem. Entretanto, passado algum tempo, elas se olham, sorriem, e podem estar em uma discussão dos temas, concordando ou discordando entre si, constituindo-se, então em um **grupo** propriamente, pois haverá interação, haverá um vínculo interpessoal – uma experiência emocional compartilhada.

Assim, é fazendo vínculos - na interação afetiva e comunicacional - que se configura o grupo. A grupoterapia traz a oportunidade de os participantes vivenciarem uma microsociedade, como um laboratório de ensaio, e verificarem como se comportam no dia a dia. A psicanálise vincular organiza conhecimentos tradicionais psicanalíticos sobre o mundo interno, ampliando a abordagem do espaço intrapessoal para o espaço interpessoal e tranpessoal. Entretanto, o referencial de trabalho será o **vínculo**, estrutura relacional com forte componente afetivo, a **experiência emocional** (Bion, 1962/1997) que, em nossa concepção, atua nos três espaços psíquicos citados (Fernandes, W.J.; Svartman; Fernandes, B.S., 2003).

Toda a psicopatologia se desenvolve numa estrutura relacional. No que se refere à **psicopatologia da relação**, Isaura Manso Neto a define “*como o conjunto de manifestações - que provocam sofrimento, ocorridas entre seres humanos e por sua responsabilidade - podendo ser mais ou menos conscientes*” (Manso Neto, 2014, p.02).

É importante, então, reconhecer o vínculo, a importância da relação, e que, no processo de pensar se considerem dois ou mais outros. Nesse processo teremos um pensar abrangente, que possa flutuar entre diversas ideias, intuitivo, e relacionado com a presença alheia e com os efeitos imprevisíveis do encontro.

### Introduzindo o Outro

No trabalho com grupos é fundamental a presença do *outro real externo*, que fortalece o ego e esclarece concretamente seja sobre a presença do outro, que é diferente de nós, e com quem temos de conviver, seja com relação às nossas partes desconhecidas, como também à alteridade que se encontra na cultura, nas instituições e na sociedade.

Poderíamos dizer então, que essa é a maior característica do trabalho com o dispositivo vincular: trabalhar com as diferenças o tempo todo; por isso, **a presença do outro** tem um peso especial. No grupo, quando alguém tem uma fantasia sobre outro participante, além de uma investigação sobre as questões transferenciais, pode-se confrontar a informação com a realidade.

De fato, raramente alguém deixa passar em branco algo a seu respeito que não lhe pareça real, logo corrigindo e esclarecendo o mal-entendido. Esclarecer mal-entendidos é uma das coisas mais necessárias na vida, e tem no grupo um dispositivo muito favorecedor.

*“...talvez ...as diferenças possam coexistir de outro modo que não em termos de radicalismos dilacerantes... Como ... já disse, o grupo proporciona um confronto de diferenças e o estranho configura sempre uma potencial ameaça. Se ousarmos conhecer o diferente, insuspeitadas afinidades se descobrirão, abrindo o caminho para o equilíbrio possível”* (Dinis, 2013, p.09).

Em trabalho anterior (Fernandes, W.J., 2015), focamos a importância do Encontro entre dois ou mais outros, assim como a necessidade de valorizar o imprevisto e seus efeitos.

Para Bion, em um vínculo intersubjetivo, quando duas personalidades se encontram, cria-se uma **tempestade emocional** - *“um estado emocional se produz, ocorrendo uma perturbação, que produz um estado muito diferente daquele que ocorreria se nunca tivessem se encontrado”* (Bion, 1979, p.469).

### O Impacto do Presente

Pode-se chamar de **interferência** aos efeitos causados pela presença do outro: *“O presente impõe seus próprios significados, seus próprios sinais - uma via de abordagem para o que não pode ser pensado como repetição do passado. A isto poderíamos chamar **a imposição de um presente**”* (Puget, 2006, p.05).

Nesse caso, além do vínculo transferencial, ocorre **a inevitável repercussão da presença real de um sujeito no mundo interno do outro**.

Dar valor ao presente tem implicações. O que fazer com a experiência anterior, com a memória e com o desejo de que ocorra novamente algo do tipo já conhecido e almejado para o futuro?

## Sobre o Passado e o Futuro

O futuro está em foco para a grande parte das pessoas que vemos no encontro grupal. Por outro lado, o passado induz - com as situações mal resolvidas ainda ativas - comportamentos e formas de pensar que trazem sofrimento, sendo trabalhados na rotina da psicanálise clássica.

Sendo assim, o desejo que o futuro ocorra desta ou daquela maneira, baseado na lembrança de situações em que a vida acusou algum tropeço, é esperado e corriqueiro, mas nem sempre útil, principalmente para os profissionais que lidam com a psicanálise vincular. Frequentemente se apela para lembranças de sessões antigas e procura-se compreender intelectualmente o que é informado, resultando no desejo de que a sessão ou a vida daquelas pessoas transcorra deste ou daquele jeito (Fernandes, W.J., 2015).

## Memória e Desejo

Seduz-me a ideia de Bion, quando propõe que *“o analista deva estar na sessão sem desejo e sem memória”* (Bion, 1967) frase que tem gerado certa polêmica, no sentido de que não é possível se perder a memória, simplesmente tomando essa decisão.

Quando se escolhe uma coisa em detrimento de outra, seja um caminho, um local ou a companhia de tal pessoa, ou mesmo de uma ideia, perde-se a possibilidade de, ao mesmo tempo, fazer algo diferente, estar com outra pessoa, ou pensar em assunto diferente, pois tais alternativas ficaram para trás. Estão envolvidos na decisão, o desejo, e o quanto cada um pode arcar com as consequências, sendo uma delas, perder a alternativa que foi deixada de lado na escolha, pois não se pode ganhar tudo, todo o tempo.

A decisão sobre em que aspectos dos pensamentos que ocorrem ao analista é que ele irá pensar deve-se a uma seleção que, em parte é direcionada pelo desejo.

Entretanto, mesmo ao falar de algo que já passou, pode-se estar direcionado pelo desejo de que aquilo deveria ter ocorrido de outro jeito, da forma como se gostaria.

Assim, quando em um grupo analítico, um participante lembra-se de algo, é possível que naquele momento da sessão esteja manifestando um desejo, que poderia ser de um dos tipos seguintes: 1) no sentido de que o passado deveria ter ocorrido diferentemente do que ocorreu; 2) o anseio de que nada mude, e que ele fique refém, eterna vítima do que aconteceu no passado.

O analista, quando decide por uma interpretação, pode, de certo modo, estar escolhendo algo para dizer, que manifeste seu desejo de mudança dos pacientes, segundo seus critérios. Mas, pode - até mesmo influenciado por temas narcísicos quanto a sentir-se potente e valoroso, por compreender tão bem os seus pacientes - dirigir sua fala para determinado ponto.

Bion alerta para não se polemizar com o paciente e nem contrapor suas verdades com a do analista, mas procurar abrir novas alternativas para pensar sobre um fato em comum, porque através disso se possibilita ao paciente o refletir e o intuir (Bion, 1967).



O saudoso David Epelbaum Zimmerman, infelizmente falecido em 2014, era um estudioso de Bion. Para ele, Bion queria dizer que a memória pode ser distorcida pela influência de forças inconscientes e que os desejos interferem na operação do julgar, pela ausência de um estado de mente em que o mais importante é a observação, tal qual a proposição de Freud, em 1912, sobre a necessidade de uma atenção flutuante. Seria bem melhor permanecer livre para deixar a intuição fluir (Zimmerman, 1995).

Aliás, quanto a essa expressão de Freud, Bion dizia: “*Atenção flutuante* é a melhor expressão que conheço” (Bion, 1978, p.16).

*“A memória sempre é equívoca como registro de fatos, uma vez que ela está distorcida pela influência das forças inconscientes. Os desejos distorcem o juízo porque selecionam e suprimem o material a ser ajuizado... Cada uma das sessões deve carecer de história e de futuro”* (Bion, 1967, p.679).

Para Zimmerman, Bion propunha que a sessão de psicanálise deveria ter como única importância o desconhecido, e sugeria que o psicanalista não trouxesse a memória referente a questões abordadas nas sessões anteriores, priorizando melhor atenção sobre o presente da sessão. Da mesma forma, o desejo de cura ou de resultados X ou Y, ou mesmo de compreensão intelectual do conteúdo das falas, deveria ser evitado (Zimmerman, 1995).

Para que possamos lidar com o presente, sem tanta preocupação com o desejo relativo ao futuro ou sem valorizar tanto a memória, é necessário se tolerar a frustração com relação à espera, ao imediatismo, e à incerteza.

É difícil aceitar a incerteza e manter-se no objetivo de, em primeiro lugar, procurar conhecer e entender a situação, e deixar para sofrer depois, se algo der errado. Isso comumente ocorre na espera de resultados de exames médicos, e de concursos públicos ou ingresso a cursos de pós-graduação.

Para Janine Puget, lembrando-se de Maurice Blanchot, “*o não esperado resulta intolerável. Defensivamente isso gera a ideia, por vezes a convicção, de que se espera o esperado*” (Puget, 2013, p. 01).

Como a autora relata no mesmo trabalho, a expressão “*Esperava que...*”, contém em geral uma censura, ou crítica, certa decepção com o outro e com a realidade: não esperava isso! Por exemplo, uma esposa, cujo marido foi infiel, lhe diz – “*esperava que me respeitasse, que não mentisse para mim*”! Vale como alerta para nós, terapeutas, que, não raro, julgamos ter a verdade, e nos decepcionamos com o desenvolvimento insuficiente de alguns pacientes.

*“O psicoterapeuta não tem sempre razão, não vê todas as perspectivas de um problema, pode-se enganar, irrita-se com e sem razão, pode também confundir o doente com partes de si que rejeita ou com os seus objetos primários idealizados ou rejeitantes e rejeitados, agindo sobre os doentes e tomando decisões que poderão ser mais ou menos desadequadas, com consequências mais ou menos graves”* (Manso Neto, 2014, p.06).

Não foi nada fácil para mim aceitar, mais de uma vez, que interpretações e apontamentos de alguns pacientes eram, na verdade, mais adequados e eficientes do que os meus.

Também Janine Puget contribui com observação sobre o mesmo tema: *“no que respeita ao nosso trabalho, é um obstáculo sustentar a hipótese de que o dispositivo analítico pensado como estável outorga o direito de crer-se possuidor de um conhecimento do outro”* (Puget, 2013, p.02).

Concordo com a autora, quando atribui um lugar específico ao espaço analítico, onde a espera do inesperado deveria estar sempre em atividade.

Assim, volto a Bion: *“Quanto mais uma pessoa ficar ocupada com aquilo que ela quer que aconteça e com aquilo que aconteceu, ou aquilo que ela sabe sobre o paciente ou sobre a psicanálise, menos espaço sobra para a incerteza”* (Bion, 1978; 1980, p.108).

Isso vale para a incerteza interna e para a incerteza externa.

## O Inesperado

Inesperado ou imprevisto é algo incerto, indeterminado, que ocorre subitamente, causando surpresa e, geralmente, frustração, medo ou raiva. A tentativa de controlar os acontecimentos e de programar a vida para que aconteçam coisas da forma e no momento esperado, talvez seja das coisas mais frequentes que ocorrem no dia a dia, como vimos em trabalho anterior (Fernandes, W.J., 2014).

Certamente é muito difícil ouvir algo desconhecido e não previsto, sem logo tentar trazer conhecimentos anteriores, de alguma coisa mais familiar.

A onipotência tem muito a ver com esperar resultados determinados. Com uns seis ou sete anos de formado, já atendendo grupos terapêuticos e sendo supervisionado nessa tarefa, fui convidado para coordenar grupos numa comunidade terapêutica. Do alto do que julgava grande experiência, aceitei, imaginando que não teria qualquer dificuldade. Acontece que numa das primeiras reuniões daquele grupo, em que eu achava que iria interpretar psicanaliticamente os fenômenos grupais, uma paciente foi ao centro do grupo, e tirou toda sua roupa, enquanto murmurava algo inaudível. A impotência e aflição que senti, então, foram enormes. Não tinha aprendido como lidar com aquilo. Quem resolveu a situação muito bem foi outra paciente: com delicadeza colocou sobre seu corpo um casaco e a levou para o quarto, dizendo: *“venha querida, está tudo bem...”*

No trabalho analítico com grupos, aprendemos que o diverso costuma estimular o surgimento de suscetibilidades narcísicas referentes a pequenas diferenças, dificuldade de escutar o outro, e, frequentemente, um mergulho no adverso mundo dos mal-entendidos. Isso vale para pacientes e terapeutas.

Vimos em Encontro Luso-Brasileiro anterior (Fernandes, W.J., 2010) que a palavra diferença implica uma polaridade, sempre se delineando entre dois termos.

No tratamento das diferenças elas têm sido vistas como desigualdades, surgindo relações de dominação entre os grupos considerados “certos” e os demais, considerados marginais.

A diversidade implica o não reconhecimento do outro como igual a mim. A diversidade remete ao múltiplo, à variedade que não se deixa englobar em um padrão. Não se define o

diverso a partir de um eixo único, destacando a diferença como própria de uma só condição. A diversidade é mais flexível, e abriga as diferenças, sem excluí-las, como contrárias a nós. Quando as expectativas não se mostram de acordo com nossos desejos, podemos ter uma vivência de adversidade.

Isso é muito comum nas instituições, famílias e casais, em que, em vez de cada envolvido pensar quanto é responsável pela parte da comunicação que está sendo valorizada negativamente - por ser diversa da esperada, verificando o que está acontecendo e como poderia tentar melhorar as coisas - é mais fácil acusar o outro, mesmo que isso só alimente um processo violento de acusações, e, conseqüente desgaste no relacionamento.

Diferenças culturais e raciais podem ser interpretadas da mesma forma, dando a certas populações excluídas, a conotação de inimigas, que devem ser eliminadas ou evitadas, devido a suas diversidades, vivenciadas como adversas.

Penso, entretanto, que esta é a sina humana, entender o mundo segundo sua versão particular e ter uma vivência preconceituosa do diverso, como algo que parece adverso, o que vemos também com certa frequência na área psi.

Não há crescimento pessoal ou aprendizagem se não pudermos lidar com a ideia nova, sempre incômoda e persecutória, que provoca resistências e pode despertar o conservadorismo e as feridas narcísicas.

Assim, no processo grupal, pacientes e terapeutas terão de se confrontar com a dúvida, com o não saber, com tudo que seja novo e estranho. É fundamental poder aceitar outras influências e acolher aspectos imprevistos. Dessa forma, algo de novo poderá surgir, abrindo espaços e arejando a mente (Fernandes, W.J., 2010).

Lembro-me de uma sessão de grupoterapia, em que um dos participantes, ao final de um cansativo dia no trabalho, dirigiu-se para sua residência para o merecido repouso. Entretanto, após ter um pneu furado no caminho de casa, com chuva, ao colocar a chave na fechadura, a chave quebrou, ficando uma parte presa no miolo. Ele nos contou que naquele momento gritou: "tinha de acontecer hoje?".

Na ocasião, não pensei duas vezes, e, imediatamente, lhe perguntei: quando seria mais apropriado ocorrer aquele acontecimento?

Após me fuzilar com os olhos, caiu na risada, junto com os demais, e passamos momentos frutíferos discutindo como cada um lidava com os imprevistos.

Situações semelhantes acontecem com todos nós: a energia elétrica acabou no meio do banho, a TV não funcionou na hora da novela ou do futebol, falhou o sinal da internet ou ocorreram problemas no site no exato momento de finalizar a compra daquele pacote de viagens com o qual estávamos sonhando...

É preciso aprender a conviver com o desconforto que os fatos inesperados acarretam. Dessa forma, pode-se administrá-los melhor e viver com mais qualidade de vida.

É necessário, porém, se diferenciar fatos realmente inevitáveis daqueles que dependeriam de condutas preventivas para evitar riscos.

Se um raio atinge uma pessoa durante a tempestade, trata-se de uma fatalidade, um acontecimento imprevisto, mas se esta pessoa foi se abrigar da chuva em baixo de uma árvore, pode-se dizer que ela não foi precavida o suficiente (Fernandes, W.J., 2014).

Uma questão se impõe quando se fala de frustração e adversidade. É o que chamo de boa vontade e de má vontade.

### **A Má Vontade**

A expressão “*má vontade*” (Fernandes, W.J., 2007) consta nos dicionários como “*disposição desfavorável*”. Nos grupos vê-se, com certa frequência, pessoas que chegam a adoecer, predominado nelas estados de mente de extrema má vontade, pois em seu íntimo, há sempre certa disposição desfavorável para com alguém ou alguma coisa. Isso pode ocorrer nas instituições, empresas, e também nos casais, em que parceiros ou parceiras são vistos como culpados de todos os males.

Às vezes a má vontade ocorre contra o processo de pensar; daí as perguntas: há pouco tempo, a paciente Valéria, parecia querer respostas prontas; insistia e repetia de diferentes formas as mesmas perguntas: o que eu tenho? Como me livro disto? O que acabou por me incomodar um tanto, pois era quase impossível mostrar para ela, que “*a resposta tira todo o potencial investigativo da pergunta*”.

Do ponto de vista intrasubjetivo, um dos aspectos que chamam atenção é que o sujeito, com má vontade para com o outro, costuma ficar alimentando ressentimentos, desejo de vingança, sempre movido pelo ódio, que na verdade, causa grandes estragos a si mesmo.

*“Muitas vezes, a má vontade está a serviço de uma estrutura sadomasoquista, em que se tira satisfação da queixa, do sofrimento, o qual, desta forma, não pode ser eliminado, a menos que se possa renunciar a essa satisfação, abrindo possibilidades de elaborações e crescimento mental”* (Fernandes, W.J., 2014, p.07).

Uma variante com relação à boa ou má vontade é que, em princípio, gostaríamos de ter razão sempre, e que concomitantemente, o outro estivesse errado. É difícil ter boa vontade quando tentam nos mostrar que estamos errados. Da mesma forma, há certa má vontade quando o outro não aceita nossos *sagrados* argumentos.

### **A Vontade de ter Razão**

O processo psicoterápico pode proporcionar muitas oportunidades de aprendizagem, desde que ideias preconcebidas possam ser abandonadas e também se for possível deixar de lado a vontade de ter razão, de estar sempre “certo”.

Para chegar ao conhecimento é necessário que o amor predomine sobre o ressentimento, e que se possa conviver com a inerente frustração, com alguma dose de boa vontade para com o novo, o diverso (Fernandes, W.J., 2008). Isso vale para os pacientes do grupo e para o analista.

Com os casais é muito comum a má vontade, ainda que momentânea, sendo mais fácil constatar a má vontade do outro, e manter-se como aquele que tem sempre razão.

*“Exemplo - casal:*

*Francisca: não adianta falar. Você não entende. Eu disse que voltaria mais tarde.*

*José – Você não disse isso.*

*Francisca: Eu disse, sim!”*

Casais como esses são comuns; cada um com sua verdade, e o outro está errado. Mas, **quem** nunca se comportou dessa forma?

São maneiras de se mostrar como as diferenças incomodam a ponto de não se suportar a inexistência de uma verdade única. Tal diversidade de opiniões frequentemente é vista como verdadeiro infortúnio.

Há pacientes que usam e abusam da vontade de ter razão, para evitar pensar. A paciente Gabriela me dizia em voz chorosa: *por que não me despedem, para eu aproveitar os direitos trabalhistas que me favoreceriam?* Não adiantou eu lhe dizer que não saberíamos qual a resposta; a realidade é que ela mesma teria de tomar sua decisão: ficar no trabalho ou pedir sua demissão. Não seria o caso de ver quem tinha razão, mas de lidar com a realidade.

Da mesma forma que vimos com relação à vontade de ter razão, as teorias e o conhecimento anterior de cada um podem nos impedir de entrar em contato com o que acontece no momento presente. Vale para pacientes e para o terapeuta.

O mesmo pode ser dito com relação ao desejo de cura e qualquer outro desejo. Somos mais eficientes quando conseguimos nos desapegar e manter a atenção flutuante, no encontro entre dois ou mais outros, com todos os imprevistos que irão surgir nesse encontro, Entretanto, concordo em que tal proposta não é fácil, pois tendemos a nos repetir, a desejar determinado futuro, assim como lembrar do passado e de velhos hábitos.

O ocaso surge graças ao movimento de rotação da Terra, no qual o Sol aparenta se mover em torno do nosso planeta atravessando o céu de leste a oeste, mas, como lembra Puget (2007), **seguimos dizendo que o sol se põe.**

O peso do **deve ser**, do como ser e estar, da fidelidade ao passado, daquilo que vem de alguma outra parte, dificulta ou evita tomar contato com o **presente**, com o **imprevisível dos encontros** (Puget, 2007; 2015).

## FINALIZANDO

Para alguns colegas, são consideradas violações graves enquadres diferentes dos tradicionais, pois não pertencem aos esquemas já conhecidos.

Reflico, e tenho dúvidas que gostaria de compartilhar com o leitor: será que o corpo teórico psicanalítico não estaria tratando de acomodações e de manter certa fidelidade dogmática? Há abertura para questionamentos sobre a teoria e a técnica?

Nestes novos tempos, ainda vale a pena investir em um trabalho em que se valorize mais a alteridade, a diversidade e a incerteza? Dá para deslocar do pedestal os princípios binários de certo ou errado, bom ou mal?

Em alguns momentos, sou otimista. Creio que valeria a pena se conseguíssemos tomar em conta o outro enquanto outro, valorizando a intrasubjetividade e também a subjetividade social, o passado e o presente do encontro.

Na comunicação grupal, tanto quanto no dia a dia, é muito comum se ouvir algo diverso do que se espera, com a imediata reação de má vontade em reconhecer a possível qualidade do outro e de sua comunicação. É corriqueira a confusão entre desejo e realidade, o que pode causar forte mal-estar, isto é, quando a felicidade esperada não se aproxima, e em seu lugar, vem a frustração relacionada com o resultado imprevisto, sentido como grande desdita.

Nesse caso, a desqualificação é frequente, havendo um mal-entendido: *“se não me ouviu como devia, se não entendeu como eu esperava, se inesperadamente agiu de modo inusitado... está contra mim...”*

Tais confusões e frustrações decorrentes teriam de ser denunciadas e interpretadas. Tal processo não é tão simples, pois implica sofrimento, inerente ao crescimento.

Uma pergunta que surge nos grupos: o que fazer para que as coisas possam dar certo? Bem, não há uma receita, menos ainda garantias, mas cada um pode fazer a sua parte, procurando *não fabricar* problemas para o futuro, evitando "encrencas" ou "sarna para se coçar", tentando não alimentar ambição maior do que as possibilidades reais, vivendo de forma saudável, dentro de alguma organização, não gastar mais do que pode, coisas assim... Sim, pois grande parte do que se rotula como inesperado pode ser simplesmente fruto de certa desorganização.

Por outro lado, manter firme a noção de que é necessário se trabalhar com a incerteza o tempo todo, pode ajudar a aceitar a realidade, quando parece que algo deu errado. Nesse caso pode-se procurar um plano alternativo, e seguir em frente. Enfim, é necessário aceitar a realidade e lidar com mais boa vontade, quando surge algo inesperado.

Lembro-me de uma situação, há muitos anos atrás, no trânsito em São Paulo: um motorista de taxi me ultrapassou de forma violenta, me obrigando a frear e desviar de um pedestre. Naquela época, eu o xinguei, não parando para pensar nas consequências. Parando no semáforo, ele veio até a mim, transtornado, e começou a dar murros no teto do carro. Um guarda que estava próximo se aproximou, e pediu calma para ambos, e perguntou para mim se eu cumprimentaria o motorista, fazendo as pazes com ele. Eu imediatamente lhe dei a mão, e pedi que me desculpasse, pois o havia xingado no auge de uma irritação momentânea, mas, que não lhe queria mal. Para meu espanto, ele passou a chorar copiosamente.

Um aspecto que merece ser ressaltado é que há situações inesperadas boas, e há um lado bom de certas ocorrências que, à primeira vista, parecem apenas ruins. Estaremos abertos para tais possibilidades, para uma visão mais aberta? De qualquer modo, não há controle sobre o inesperado.

Na vincularidade deve ser incluída a surpresa, e a noção de que naquele momento a pessoa é participante de importante evento - estar entre outros. Essa experiência é única, nova e não transferível.

Finalizo, enfatizando a importância de se respeitar a **alteridade do outro**, que se mostra no dia a dia, assim como a **força do presente** no encontro grupal, ressaltando a importância para pacientes e terapeutas de **não se aprisionar à memória, ao desejo ou à compreensão intelectual**. Deixar um espaço para **se surpreender**.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BION, W.R. (1962/1997). *O Aprender com a Experiência*. (Ed.) Imago Editora, Rio de Janeiro: Brasil, p.123.

BION, W.R. (1967/1969). Notas sobre la memoria y el deseo. *Revista de psicoanálisis*, Vol 26. Buenos Aires:, pp:679-692.

BION, W.R. (1977/1992). *Conversando com Bion (4ª. Conferência de Nova Iorque)*. (Ed.) Imago Editora, Rio de Janeiro: Brasil, p.131.

BION, W.R. (1978/1992). *Conversando com Bion: Quatro discussões com W. R. Bion*. Bion em Nova Iorque e em São Paulo. (Ed.) Imago Editora, Rio de Janeiro: Brasil.

BION, W.R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Rev. Bras. Psicanal.*, 13: 467 - 478.

DINIS, C.V. (2013). *Por que estar em grupo?*. Conferência apresentada no XIV Congresso Nacional da Sociedade Portuguesa de Grupos e Psicoterapia de Grupo, Lisboa: Portugal, [http://www.grupanalise.pt/images/Porquê\\_estar\\_em\\_grupo\\_César\\_Vieira\\_Dinis\\_Biblioteca\\_online\\_Abril\\_2014.pdf](http://www.grupanalise.pt/images/Porquê_estar_em_grupo_César_Vieira_Dinis_Biblioteca_online_Abril_2014.pdf).

FERIOTTI, M.L. (2009). *Vínculos, diálogos e vivência com a diversidade, na perspectiva do pensamento complexo*. Curso dado no VIIº Congresso de Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares. Serra Negra: Brasil, pp:2-7.

FERNANDES, W.J.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B.S. (2003). *Grupos e Configurações Vinculares*. (Ed.) Arned, Porto Alegre: Brasil, pp:112-116.

FERNANDES, W.J. (2007). A má vontade e as possibilidades de crescimento mental a partir do fortalecimento dos vínculos amorosos. *Revista da SPAGESP*, 8(2), pp:42-50.

FERNANDES, W.J. (2008). *Sobre a má vontade e o desejo de ter razão. Anais del I Congreso de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*. ASAPPG, Buenos Aires: Argentina, pp:517-522.

FERNANDES, W.J. (2010). Narcisismo: efeitos e perspectivas vinculares - conviver é preciso? *Grupanaliseonline – Nova Série – Volume 1 – 2010* - [http://www.grupanalise.pt/images/stories/Waldemar\\_Fernandes\\_Portugus\\_Revistaonline\\_2010.pdf](http://www.grupanalise.pt/images/stories/Waldemar_Fernandes_Portugus_Revistaonline_2010.pdf)

FERNANDES, W.J. (2014). Sobre o inesperado: administrando a adversidade do imprevisto e do diverso no trabalho grupal. *Rev. SPAGESP*, Vol.15(2), pp:04-11.

FERNANDES, W.J. (2015). *Memória, desejo e espera. O grupo não é apenas uma galeria de espelhos*. Apresentado no Xº Congresso Brasileiro de Psicanálise das Configurações Vinculares, VIIIº Encontro Paulista de Saúde Mental e XIIª Jornada da SPAGESP, Maio de 2015. Serra Negra: Brasil.

FREUD, S. (1911/1972). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. (Ed.) Standard Brasileira: Imago Editora, Vol. XII. Rio de Janeiro: Brasil.

MANSO NETO, I. (2014). *Psicopatologia relacional - os grupos grupanalíticos como situações de eleição para o seu diagnóstico e elaboração*. [http://www.grupanalise.pt/images/Psicopatologia\\_Relacional\\_-\\_Os\\_Grupos\\_Grupanaliticos\\_como\\_situacoes\\_de\\_eleicao\\_para\\_o\\_seu\\_diagnostico\\_e\\_resolucao.pdf](http://www.grupanalise.pt/images/Psicopatologia_Relacional_-_Os_Grupos_Grupanaliticos_como_situacoes_de_eleicao_para_o_seu_diagnostico_e_resolucao.pdf)

MORIN, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva; Revisão Técnica Edgard de Assis Carvalho. (4ªEd.) UNESCO, Brasília: Brasil.

PESSOA, F. (1888-1935/1999). *O livro do desassossego*. Trecho 152, (Ed.) Companhia das Letras, São Paulo: Brasil, p.168.

PUGET, J. (2006). *El presente de la historia, la historia del presente*. In FIORINI, L. G. (compiladora) *Tiempo, historia y estructura. Su impacto en el psicoanálisis contemporáneo*. (Ed.) Lugar Editorial, APA Editorial, Buenos Aires: Argentina, pp.241-264.

PUGET, J. (2007). *Panel de Pareja de FEPAL “Perspectivas Psicoanalíticas sobre los vínculos de familia y pareja”*. APdebA, Buenos Aires: Argentina.

PUGET, J. (2013). *Diversidad de inscripciones*. Jornadas Marcas de Vida, Marcas de Muerte. Buenos Aires: Argentina.



PUGET, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbre y certezas.* (Ed.) Lugar Editorial, Buenos Aires: Argentina, p.188.

SARTRE, J.P. (1960/2002). *Crítica da razão dialética.* (Ed.) DP&Aeditora, Rio de Janeiro: Brasil.

ZIMERMAN, D.E. (1995). *Bion, da teoria à prática; uma leitura didática.* (Ed.) Artmed, Porto Alegre: Brasil.